



Há uma investida furiosa da imprensa grande contra o MST. José Arbex Jr. junta as peças dessa "ofensiva midiática"

O governo FHC está, visivelmente, "endurecendo" suas posições contra os movimentos sociais - particularmente, neste momento, contra o MST -, e conta para isso com o apoio quase que irrestrito e total da mídia. O "endurecimento" é facilmente detectável. Basta lembrar alguns episódios nos últimos trinta dias: a violentíssima repressão aos índios, negros, estudantes e populares que se manifestaram na região de Porto Seguro, em 22 de abril; o assassinato do lavrador sem-terra Antônio Tavares Pereira, por um soldado da PM, em Curitiba, em 3 de maio; a violenta repressão contra professores, servidores públicos e estudantes em plena avenida Paulista, São Paulo, em 20 de maio; e, no plano institucional, a reativação do Serviço Nacional de Informações e de uma delegacia da Polícia Federal especializada em formar agentes contra movimentos sociais (veja a entrevista com João Pedro Stedile, nesta edição). Já o apoio da mídia à "linha dura" precisa ser analisado de forma um pouco mais meticolosa.

Não vamos nos deter na óbvia "demonização" do MST pela Rede Globo e pelo jornal O Estado de S. Paulo. E vamos comentar, apenas de passagem, a edição 1.648 da revista Veja (10 de maio), cuja manchete era "A tática da baderna". Nem mesmo à época da ditadura viu-se "reportagem" com tamanho acúmulo de informações falsificadas, "entrevistas" desmentidas por fontes (como o professor da USP José de Souza Martins) e "fatos" distorcidos, tudo contra o MST. Os bastidores da produção dessa "reportagem" foram contados por um documento apócrifo, supostamente escrito por alguém que trabalha na própria Veja. E que circulou amplamente pela Internet. O documento, desmentido pela direção da revista, conta como o secretário de Comunicação da Presidência da República, Andrea Matarazzo - o tal que proibiu a divulgação, pela TVE, da entrevista com Stedile feita em 6 de maio pelo programa Opinião Brasil -, negociou com os editores da revista uma matéria contra o MST; e como a Veja montou a "reportagem".

Todos esses casos de atentado à inteligência da opinião pública são muito conhecidos (o que não significa que sejam inofensivos). O nosso grande problema, aqui, é desmontar as narrativas mais "inteligentes", aquelas que procuram justificar, com argumentos "racionais", o uso de métodos ditatoriais por um governo supostamente democrático. Nesse sentido, a Folha de S. Paulo vem apresentando a .mais eficiente e feroz "engenharia do consenso". Basta analisar a cobertura feita pelo jornal dos eventos relativos ao MST durante o mês de maio, para detectar sua linha de argumentação: o MST é um movimento radical, portanto ilegítimo, que usa a "questão da terra" como pretexto para subverter a ordem, e cujos integrantes praticam a corrupção, com a conivência ou, pelo menos, a complacência do governo; o uso da força contra o MST torna-se, por isso, uma medida necessária à defesa da democracia. Claro que essa linha em nada difere do raciocínio empregado por outros veículos, como a própria Veja. A diferença é que a Folha, faz isso com um pouco mais de inteligência. Vamos aos fatos.

No dia 3 de maio, a Folha anunciou que o MST havia "invadido" (e não "ocupado") prédios públicos em doze Estados: "MST faz onda de invasões; governo critica 'atentados' ". Utilizando um termo empregado pelo ministro da Justiça José Gregori, a Folha comprou a versão de que o MST teria praticado "atentados". Ora, se um ministro de Estado faz uma acusação tão grave a um movimento social, caberia a um jornal minimamente sério exigir provas concretas. A Folha não faz isso, embora sua própria reportagem tenha sido obrigada a reconhecer que o objetivo do MST era forçar um diálogo com FHC, com a presença dos ministros Pedro Malan (Fazenda) e Pedro Parente (Casa Civil). "Se não houver diálogo, a situação tende a se agravar", afirmou (Gilmar) Mauro. Ele disse, no entanto, que a ordem é de 'não enfrentamento'. 'Vamos evitar provocações da polícia, disse Mauro, para quem o governo poderia explorar politicamente conflitos. Os sem-terra atribuem à polícia a responsabilidade pelos conflitos de ontem em São Paulo e no Paraná. A polícia veio para massacrar, disse Gilmar Mauro".

Apesar da clara disposição do MST ao diálogo, o governo, segundo a própria Folha, manteve-se irreduzível - "O presidente Fernando Henrique Cardoso 'nunca receberá o MST para negociar desocupações e mudanças no processo de reforma agrária, afirmou ontem à Folha um ministro que preferiu não se identificar. O ministro da Fazenda, Pedro Malan, também não receberá líderes do movimento para negociar liberação de verbas." Se alguém cometeu algum "atentado", portanto, foi o próprio governo, com sua arrogância e transigência. Mas a Folha, contra todas as evidências — inclusive contra as evidências apresentadas por sua própria reportagem -, editou o material para dar a impressão de que o MST era o lado "radical".

No mesmo dia 3, a Folha começou a preparar a opinião pública para a operação de remontagem do SNI. "FHC reuniu ministros ontem para discutir as invasões a prédios públicos orquestradas pelo MST. Segundo a Folha apurou com assessores próximos ao presidente, ele teria dito aos auxiliares que o governo foi surpreendido pelas ações do movimento. FHC considera que o governo deveria ter informações prévias sobre a onda de invasões dos sem-terra. Segundo o porta-voz da Presidência, Georges Lamazière, FHC reiterou ontem sua advertência de que o MST "está deixando de lado a ordem democrática, e isso é inaceitável". Está claríssimo: a "defesa da ordem democrática" exige um governo bem informado, daí a necessidade de "aperfeiçoar" os serviços de inteligência do governo. O anúncio da recriação do SNI (batizado, obviamente, com outro nome) aconteceria uma semana depois.

Curiosamente, todas as notícias sobre o MST aparecem na Folha sob a rubrica (ou "chapéu", no jargão jornalístico) "Questão Agrária", incluindo episódios tão pouco "agrários" como a censura à entrevista de Stedile na TVE. Outras notícias que também deveriam, com muito mais lógica, estar sob a mesma rubrica não aparecem assim. Por exemplo, no dia 1 de maio, a Folha noticiou que "ACM deu terra de índio a fazendeiros"; o chapéu foi "Reserva". E, no dia 2 de maio, o caderno Agrofolha publicou uma reportagem para mostrar que "os preços das terras agrícolas no Brasil caíram pela metade na última década do século 20, segundo pesquisa realizada pelo Centro de Estudos Agrícolas, da Fundação Getúlio Vargas". O chapéu, neste caso, foi "Mercado". A ideia é transformar a "questão agrária" em problema específico do MST, como se tudo o que acontece no resto do país fosse outro assunto, mesmo quando se trata de questões referentes à distribuição de terras (caso dos índios) ou à agricultura, em geral. O MST deve ficar isolado no "gueto".

A IDÉIA É TRANSFORMAR A "QUESTÃO AGRÁRIA" EM PROBLEMA ESPECÍFICO DO MST. ELE DEVE FICAR ISOLADO NO "GUETO".

No dia 4 de maio, a Folha fazia nova ameaça à Nação brasileira, agora utilizando as palavras do próprio FHC. O título da "reportagem" era "Morte deve servir de alerta, diz porta-voz". E o texto: "O presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou ontem que a morte do sem-terra Antônio Tavares Pereira, em Curitiba, após confronto com a Polícia Militar, 'deve servir de alerta para aqueles que optaram pela provocação e pelo desrespeito à democracia e à cidadania, disse o porta-voz da Presidência, Georges Lamazière. FHC lamentou a morte de Pereira - 'o presidente considera que a perda de uma vida é sempre algo extremamente lamentável', disse Lamazière -, mas afirmou que considera que 'o país quer um

basta à desordem (...) 'Fatos como esse e outros ocorridos ontem (anteontem) mostram que (os sem-terra) vêm desperdiçando recursos com o fretamento de ônibus para ações que têm como objetivo a quebra da ordem democrática'".

Nesse mesmo dia 4, a Folha anunciou que MST e governo unham aberto um novo canal de negociação. "A mediação foi feita no Congresso, por líderes partidários. Fernando Henrique Cardoso impôs como condição para o diálogo a desocupação de prédios públicos. O MST topou, mas quer a presença de um ministro da área econômica (...). No final da tarde, [o governo] concordou em liberar um assessor de Malan para a reunião: Amaury Bier, secretário-executivo da Fazenda. À noite, líderes do MST ainda hesitavam. Mas, aconselhados pela liderança do PT, estavam perto de aceitar os termos do governo. FHC parecia mais calmo ontem." Aqui, a Folha exhibe um artifício que seria muitas vezes repetido em "reportagens" posteriores: a direção do PT aparece como um parceiro "sensato" e relativamente "moderado", que exerce um efeito "benéfico" sobre os "radicais" do MST.

No dia seguinte, 5 de maio, de novo o MST é apresentado pela Folha como "radical", por não ter aceito a "alternativa Bier", e FHC como aquele que apenas reage. "Governo endurece contra invasões, e o MST recua", diz a manchete da Folha. "O presidente Fernando Henrique Cardoso decidiu ontem endurecer com os sem-terra, admitiu o uso do Exército e lançou um pacote antiinvasão de prédios públicos e terras. A ofensiva fez o MST recuar e anunciar que vai desocupar a partir das 8 h de hoje os prédios públicos invadidos em varias capitais. (...) O MST recusou se reunir com o secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Amaury Bier, e insistiu que só sairia dos prédios se o governo designasse um ministro da área econômica para dialogar. A contra-ofensiva do Planalto foi dura: desde cedo FHC fez sucessivas reuniões com ministros para discutir medidas contra o MST e restritivas a invasões. A ordem era: os prédios deveriam ser desocupados imediatamente. A alternativa de usar o Exército ganhou força. (...) Mais tarde, o próprio FHC confirmou a intenção de usar a via militar."

A "via militar" é apresentada como consequência "natural" da "intransigência" do MST, quando mesmo uma leitura pouco cuidadosa dos textos da própria Folha mostra que a intransigência partiu do próprio governo. E o mais grave é que a intervenção do Exército se torna uma hipótese plausível, não traumática. A verdade é que um perigoso clima de delírio autoritário tomou conta da Presidência da República, provocando o recurso à famigerada Lei de Segurança Nacional (LSN), anunciada pela Folha no dia 6 de maio. O mais incrível é que, mesmo sendo obrigada a guardar certa distância em relação à aplicação da LSN, a Folha ainda tentou amenizar o alcance da atitude das autoridades. O subtítulo (ou "linha fina") da sua reportagem dizia: "Nenhum líder nacional do MST foi enquadrado nos inqueritos".

Em contraste com a atitude "firme" mostrada por FHC, certos governos estaduais continuam sendo "moles" com o MST, e quem perde é o contribuinte. Esta é mensagem dada pela Folha no dia 7, com a reportagem "MST aluga terrenos particulares", tendo como subtítulo "Governo paga dívida em Goiás". E o texto: "O MST adotou uma alternativa às invasões para montar acampamentos em Goiás: o aluguel de áreas particulares. Quem paga é o governo do Estado. A estratégia visa concentrar milhares de sem-terra provisoriamente na mesma área para pressionar o governo a realizar a reforma agrária. A larica evita confrontos com a polícia e disputas judiciais (...). O aluguel recebeu os aplausos do Incra. (...) O governo estadual também elogiou a postura do MST". Assim fica difícil: se o MST ocupa terras, é "radical"; se aluga, é um "peso" para o contribuinte. Qual a solução, então?

No dia seguinte, 8 de maio, nova "reportagem" da Folha mostraria sua "imparcialidade" frente ao movimento. Dessa vez, ela acusa o MST de "debochar" da lei e de planejar a invasão de terras produtivas. "As invasões de terra organizadas pelo MST irão se voltar para imóveis produtivos para driblar medida do governo que proíbe desapropriação de terras invadidas. A previsão foi feita pelo pedagogo Jaime Amorim, 40, o coordenador nacional do MST que ficou em Brasília na semana passada encarregado da frustrada missão de acertar audiência com a equipe econômica do governo." Algumas linhas depois, a própria Folha esclarece que a sua "chamada" é mentirosa, ou no mínimo muito parcial. "Em entrevista à Folha, ele disse que a entidade quer levar o governo a incluir a função social da terra nos critérios adotados para a desapropriação de imóveis à reforma agrária. Para ele, devem ser desapropriados imóveis produtivos que usem, por

exemplo, trabalho infantil."

No dia 9, a Folha publicou novas ameaças à nação: "Chega de tolerar transgressão, diz FHC". O dado mais curioso é a construção da "reportagem": "O presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou ontem, em São Paulo, que o governo não aceitará mais a prática de 'transgressões' no país. 'Sou de formação extremamente tolerante. Paciente além do limite, às vezes. Mas não dá mais quando há, não o desrespeito verbal, mas o desrespeito efetivo da depredação. Chegamos a um ponto em que a sociedade quer um basta. Chega de tolerar a transgressão', disse FHC (...). Na semana passada, o MST promoveu uma série de invasões de terras e de prédios públicos em vários Estados brasileiros. Em alguns casos, houve depredações". O jornal "interpreta" o discurso de FHC, explicitando a referência ao MST. Em seguida, a Folha aceita a equiparação feita por FHC entre o MST e criminosos. "Mencionando a política de tolerância zero dos Estados Unidos, FHC afirmou que não só os 'grandes criminosos, mas também os pequenos devem ser punidos." E o jornal reserva um modesto último parágrafo a José Rainha Júnior: " 'Primeiro ele vem com Lei de Segurança Nacional e agora com a censura à entrevista. O que falta mais para a ditadura? Nada, disse Rainha. Ele reafirmou que o MST vai recrudescer suas ações".

Em 13 de maio - ironicamente, dia da libertação dos escravos -, a Folha presenteou o Brasil com nova "pérola". Diz, em manchete, que 70% dos paulistanos condenam invasões de terra, 75% as de prédios públicos. E deixa para mencionar depois, apenas no corpo do texto, que "a maioria dos paulistanos (67%) acha muito necessária a reforma agrária". E só muito lá embaixo, no final do texto, vemos que "a pesquisa mostra também maciça desaprovação ao desempenho do presidente Fernando Henrique Cardoso em relação à reforma agrária: apenas 12% consideram ótimo/bom o desempenho do governo, contra 52% que dizem ser 'ruim/péssimo'. Talvez por isso, o governo é apontado pela maioria dos entrevistados (55%) como responsável pela má distribuição de terra no país. Grandes fazendeiros (com 15%) e grandes empresários (8%) vêm a seguir, com outros 14% preferindo culpar todos esses agentes". Que feio, não?.

Nos dias 14 e 15 seria a vez de a Folha "denunciar" supostas práticas de "corrupção" e de "cobranças de taxas" dentro do MST. As "denúncias" foram respondidas com muita clareza pelo Movimento. Apenas no dia 22 a Folha publicou um artigo um pouco mais sério sobre o problema da terra, com o título "Renda no campo cai 5,8% no governo FHC", segundo dados de uma pesquisa coordenada por Angela Jorge Corrêa, professora da Unimep (Universidade Metodista de Piracicaba). Ainda assim, a edição da reportagem dá margem a uma interpretação totalmente equivocada. O subtítulo diz: "Sul e Nordeste, duas das regiões com queda no ganho médio, registraram juntas 56% das invasões de terra". Um leitor mais apressado poderia, facilmente, concluir que a "queda no ganho médio" teve como causa o "excesso de invasões". E o contrário. Como diz a própria reportagem, "o empobrecimento do trabalhador rural é uma das principais alegações do MST ao cobrar do governo mudanças na política fundiária.

" 'O ritmo dos assentamentos do governo é menor do que o ritmo de falência dos pequenos agricultores. O governo está jogando uma multidão nos braços do MST', afirma Gilmar Mauro, dirigente nacional do movimento. "Segundo ele, 'o campo está cada vez mais pobre', o que cria um cenário 'insustentável' e estimula as invasões de terra. De acordo com Gilmar Mauro, 3,3 milhões dos cerca de 4 milhões de pequenos agricultores do país estão 'inviabilizados' - ou seja, sem condições de manter sua renda em patamares estáveis. Mesmo os integrantes da agricultura patronal (fazendeiros que empregam trabalhadores em suas propriedades) estão em situação difícil. Menos de 15% deles estão em situação confortável', afirma."

Com o apoio irrestrito da Folha de S. Paulo e dos veículos de maior circulação da mídia nacional, as duas primeiras semanas de maio causaram um imenso prejuízo à democracia. As forças mais obscuras do autoritarismo avançaram, lançando muitas indagações quanto ao destino da democracia neste país. O MST foi só o "bode expiatório" de uma operação orquestrada pelos donos do poder. A mentira, mais uma vez, coloca-se a serviço da ditadura. Pobre Brasil.

José Arbex Jr. é jornalista.

